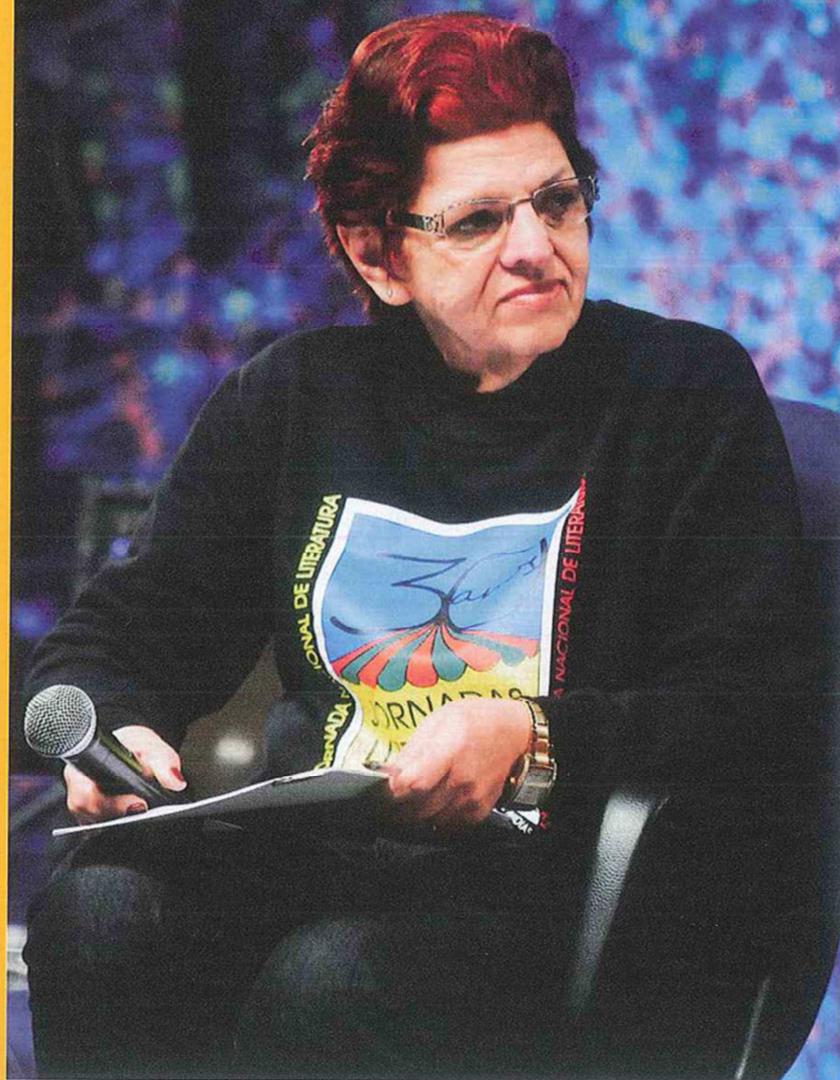


“É um equívoco acreditarmos para o ensino superior”



▶ Há 33 anos, quando o dinamismo e o interesse da professora Tânia Mariza Kuchenbecker Rösing, a levaram a idealizar um movimento literário e cultural que discutisse educação e cultura em uma dualidade de sincronismo e sintonia pioneiro no país, a leitura ainda podia ser considerada um processo estático, uma relação estabelecida entre leitor e obra literária com objetivos diversos, mas invariavelmente possibilitada apenas pelo acesso a livros, revistas e jornais.

Transcorridas essas três décadas, a ação das Jornadas difundiu-se nacional e internacionalmente e milhares de pessoas foram ensinadas lidar com as tecnologias que tornaram a leitura um processo mais dinâmico e ubíquo. Além de ser a criadora e coordenadora do movimento, Tânia é uma educadora reconhecida em todo país por sua visão acerca dos processos de ensino e a intrínseca relação entre o que ela chama de trinômio indispensável da sociedade atual: educação, cultura e tecnologia. Professora da Universidade de Passo Fundo (UPF), na graduação e no Mestrado, ela conversou com o Guia Mais Educação sobre algumas características que marcam o cenário educacional brasileiro e ressalta que o ensino precisa ser readequado para que o professor não se torne dispensável no processo de ensino-aprendizagem. Confira a conversa:

Educadora, professora universitária e criadora de um dos maiores movimentos literários e culturais do país, Tânia Rösing afirma que o ensino precisa ser repensado e evidencia: “A presença de professor, se não for totalmente diferenciada, é dispensável”, ressalta idealizadora das Jornadas Literárias

que todos tenham vocação

DM – Quando falamos em educação e em cultura, geralmente parecem ser setores independentes. Eles são, de fato, distintos?

Tânia Rösing – Não. Educação e cultura sempre tem que estar sintonizadas. Não existe desenvolvimento educacional de uma criança, um adolescente ou um adulto se ele não for recheado de elementos culturais. Então, educação e cultura são, como definiu Alcione Araújo, irmãs siamesas e que não podem se desvincular uma da outra. Há um equívoco muito grande na organização da estrutura dos ministérios governamentais onde as questões educacionais são trabalhadas por um ministério e as culturais por outro, sem um diálogo entre elas, o que implica gastos dobrados. Mas, isso não é o pior. Nós temos, hoje, por exemplo, no processo de educação brasileira, e isso parte de um levantamento que fiz entre os anos de 2011 e 2014, um investimento entre os programas Nacionais do Livro Didático e o Biblioteca da Escola, de R\$ 4,5 bilhões. Essa verba, certamente, faz girar o mercado editorial, mas não está incluso neste recurso a formação dos professores. O que está havendo nas escolas é que elas estão recebendo acervos magníficos, tanto didáticos quanto técnicos para formação de professores e literários. Esses acervos contudo, estão parados. Não há um processo de dinamização desses materiais, porque os educadores, que constituem a grande massa deste território imenso que é o Brasil, não estão preparados para



“Não conseguimos desenvolver um conhecimento amplo e aprofundado se não estivermos com pessoas de diferentes áreas”, diz Tânia Rösing

retirar elementos para a sua educação, para a sua informação e ampliação do conhecimento e muito menos cultural, que tornaria as pessoas mais sensíveis e humanas. Esse processo de educação e cultura precisa, necessariamente, estar sintonizado sempre.

DM – A formação dos professores, então, é um problema em nosso país?

Tânia – O primeiro problema se encontra nas universidades, enquanto instituições. A universidade tem cursos nas licenciaturas que preparam professores em diferentes áreas do conhecimento. Essa formação é fragmentada e o destaque para a leitura é dado na área de Letras, o que é incorreto. Todas as áreas do conhecimento devem usar como ferramenta a leitura, que vai se transformar em um hábito e, conseqüentemente, em um comportamento de vida, porque ler não é uma opção, é um direito e um dever. Temos que estar lendo sempre. Se a universidade continua fazendo a formação de professores atra-

vés de currículos fragmentados, nós não conseguimos colocar esses aspectos da cultura em diferentes áreas. Por exemplo, professores de Exatas não estão imersos em projetos culturais em que possam assistir a filmes e participar de exposições de arte para, desta forma, envolver seus alunos em aspectos culturais. Essas questões envolvem o processo conjunto de educação e cultura. As pessoas, no geral, não estão sendo preparadas para valorizar as coisas dentro deste processo.

DM – E essas deficiências são sentidas no ensino superior, que tem apresentado um crescimento considerável, sobretudo na última década.

Tânia – No Brasil não se tem consciência de que o ensino superior não deve ser universal. Nos países avançados, o grande ensino vai até o final do ensino médio, quando as pessoas saem prontas para desenvolver um trabalho. Aqui, a exploração do ensino superior tem sido eleitoreira, porque nem todo mundo tem vocação para ser um estudante. E estudante é aquele que estuda manhã, tarde e noite e tem vocação para as pequenas e as grandes pesquisas. É alguém que tem a condição intelectual de sentar-se diante de um computador ou ter em mãos um smartphone ou tablet e fazer disso um momento silencioso de estudo. Não podemos entender todo mundo tem essa vocação. É um equívoco pensar desta forma.